

# LESBIANISMO E VISIBILIDADE

---

*Christian Ingo Lenz Dunker*

Professor Livre-Docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.  
E-mail: chrisdunker@usp.br

*Graciela Haydée Barbero*

Professora doutora da Universidade Federal do Mato Grosso/CUR (Curso de Psicologia),  
psicóloga e psicanalista.  
E-mail: gracielabarbero@uol.com.br

**Resumo:** Este trabalho aponta para a questão da invisibilidade social do lesbianismo, tradicionalmente um problema político para os grupos organizados, tentando desvendar o substrato teórico psicanalítico que possa dar conta da mesma. Apresenta a interpretação de uma crítica literária da obra *Sodoma e Gomorra*, de Marcel Proust (Elizabeth Ladenson), como uma proposta de que o autor entenderia a “verdadeira homossexualidade” a partir da figura das lésbicas, na procura pela “mesmidade” e pela semelhança, e não pela complementaridade. Isso contribuiria para a invisibilidade do fenômeno. Ladenson afirma que não haveria possibilidade teórica de explicar essa proposta com os conceitos da psicanálise. Pelo contrário, os autores propõem o uso do conceito lacaniano de *não-todo* e a não universalidade e fragmentação do feminino no mundo moderno como caminhos explicativos, assim como o reconhecimento desde diferentes perspectivas.

**Palavras-chave:** lesbianismo; feminilidade; visibilidade; reconhecimento; “mesmidade”.

**Abstract:** This article addresses the social invisibility of lesbianism, which has traditionally been a political issue for organized groups, and tries to discover the psychoanalytic theoretical elements to handle it. In addition, it presents the take of a literary critic (Elizabeth Ladenson) on Marcel Proust’s *Sodom and Gomorrah* to make the point that the author understands “true homosexuality” based on the figure of the lesbian in search of “sameness” and similarity instead of complementarity. This would contribute to the invisibility of the phenomenon. Ladenson claims that it would be theoretically possible to explain this point by using psychoanalytic concepts. On the other hand, we suggest the use

of the Lacanian concept of not-all, the nonuniversal and the female fragmentation in the modern world, as explanatory paths as well as its recognition based on different standpoints.

**Keywords:** lesbianism; femininity; visibility; recognition; sameness.

## Introdução

Os movimentos dos homossexuais em prol de sua liberação, aceitação e normalização social têm sido dos principais protagonistas no palco das reivindicações de direitos humanos desde finais do século passado até nossos dias. A longa caminhada começa pela porta de saída do Código Penal, no qual os homossexuais estavam confinados de formas distintas em diferentes países. Até não muito tempo atrás, tinham suas manifestações públicas reprimidas e proibidas. Muito recentemente, ingressaram no Código Civil; a união homoafetiva foi reconhecida legalmente no Brasil após longa procrastinação da Câmara e do Senado, não sem grandes discussões e polêmicas. No meio desse percurso, e durante várias décadas, a homossexualidade era vista como uma patologia. Nos discursos médico, psicológico e psicanalítico, bem como entre o senso comum, consideravam-se formas subjetivas, desejos e atos eróticos entre pessoas do mesmo sexo como doenças ou sintomas de diversos tipos, sempre associados a condutas desvalorizadas, desprezadas e ridicularizadas, como se fossem cópias monstruosas ou caricaturescas dos modelos esperados ditos normais ou também fraquezas de caráter, de cujas tentações haveria de se fugir.

O avanço dos movimentos Gays, Lésbicas, Transexuais e Transgêneros (GLTT) na esfera pública, com as “paradas gay”, que acontecem desde pouco mais de uma década, nos grandes centros brasileiros e de forma multitudinária na maioria das grandes cidades do Ocidente, contando com aparições midiáticas positivas, tornaram visível de outra forma, pelo menos parcialmente, uma série de comportamentos e identidades que antes estavam reclusos à esfera da intimidade, clubes privados ou lugares específicos próprios da comunidade a eles associados, em suas diversas manifestações. Dentro dessa ampla comunidade, existem vários subgrupos cuja inscrição e aceitação social varia em conformidade com suas demandas de reconhecimento. A parcela da população que se identifica claramente como “gay” – homossexuais masculinos – mostra-se cada vez menos recatada, ocupando lugares importantes na área econômica e afirmando-se com mais temeridade. Pelo contrário, travestis, transexuais e transgêneros ocupam ainda um lugar marginal, cercado de segregação e preconceito;

tão somente são respeitados quando fazem sucesso no mundo televisivo ou da moda. As lésbicas, por sua vez, continuam a ocupar o lugar da invisibilidade. Como se explica esse fenômeno? Que poderia dizer a psicanálise sobre o assunto?

Partimos da ideia fundamental de que o termo “visibilidade” adquire importância e significado específico nesse campo a partir das lutas por direitos sociais e políticos que a comunidade GLTT em geral – e cada um dos subgrupos do qual está composta – reivindica há alguns anos. Portanto, nesse caso, estamos falando de um ator político que nunca está dado de antemão por qualidades “naturais” dos sujeitos, mas por uma construção realizada como processo político. O que poderia ser óbvio para qualquer grupo que pretende conquistar direitos sociopolíticos – a necessidade de ser reconhecido em sua existência coletiva –, no caso das lésbicas, transforma-se numa questão paradoxal.

Por uma parte, é desnecessário dizer que, em nosso mundo, as lésbicas geralmente se escondem e se dissimulam com o objetivo de não enfrentar rejeições e discriminações de todo tipo na família, no trabalho, no mundo relacional. É o que se chama, no mundo GLBTT, permanecer “no armário”, não “se assumir”.

“Estar dentro do armário” ou “sair do armário” vieram a se constituir nas expressões emblemáticas mais características do vocabulário que os gays e as lésbicas inventaram para dar conta de sua própria realidade social. Essa expressão é uma tradução da inglesa “*to be in the closet*”, tão enigmática quanto a nossa, que designa a lesbiana ou o gay que mantém em segredo sua opção sexual, que não faz pública sua homossexualidade e guarda silêncio ou a desmente quando perguntado por seus amigos, família, colegas de trabalho, escola e demais. A expressão “estar no armário” abre para uma realidade complexa, na qual múltiplos fatores podem se encontrar. Mas, para quem vive essa situação, a frase é importante, porque não expressa uma realidade clínica específica. Ela responde a uma estratégia discursiva e defensiva de autoexclusão e reclusão imposta desde fora, que frequentemente gera um tipo de sofrimento que não pode ser nomeado propriamente. Nomeá-lo constitui uma contradição performativa em relação a sua função de silenciamento. O “armário” é resultado da exclusão, perseguição, controle, cominação ao silêncio e à invisibilidade e impede o acesso à vida pública. Por outro lado, o armário pode tornar-se uma morada. O objetivo deste artigo é abordar este tipo de sofrimento, considerando certas estratégias de apresentação visual uma espécie de sintoma ou de solução de compromisso para a invisibilidade discursiva.

## Políticas de identidade

A eficácia da estratégia baseada na combinação entre silêncio discursivo e invisibilidade visual é múltipla e, entre outras coisas, obstaculiza a possibilidade de que se forme um coletivo forte e organizado; erradica a possibilidade de que surjam e se promovam modelos de vida positivos que sirvam de referentes válidos e até a simples possibilidade de que os sujeitos se identifiquem ou constituam ideais. Os personagens “gays” da esfera pública são assim reduzidos a uma mera presença invisível e inquietante. Têm também o efeito de permitir que “os homossexuais” existam como uma categoria por causa dos discursos de tolerância e antidiscriminatórios ligados a esses grupos, mas isso não funciona igualmente na esfera individual. Parece que a única forma aceitável de viver essa condição seria a da privacidade e a intimidade, o que favorece o ocultamento como forma de ser e como forma de vida.

Apesar de tudo, tais argumentações não são suficientes para explicar a repetida insistência com que a ocultação acontece entre mulheres lésbicas. Esta não só acontece pelo desejo das protagonistas. Lésbicas são “condenadas” à invisibilidade, mas também elas não são vistas em sua condição íntima. São transparentes, mas invisíveis, segundo uma descrição que analisaremos mais adiante. Muitas perguntas surgem aqui. Para que tipo de fenômeno estamos apontando? O que teria que ser visto para falar dessas existências fora do âmbito da psicopatologia, da denigração, do *bulling*? O que poderia ser visto como algo específico no dia da “Caminhada das lésbicas”, instituído nas grandes cidades numa data próxima ao evento das paradas gay? Como apreender o que as mulheres que se amam mostram se não percebermos um modelo homem-mulher distorcido, caricaturizado? E que teria de diferente, de específico, a não ser o objeto do amor, da paixão, do desejo? E por que essa visão seria ameaçadora?

A conquista da visibilidade pública de formas de vida não heterossexuais e o estabelecimento de suas identidades sexuais ameaçam a ordem simbólica estabelecida, e isso produz um sentimento geral de desamparo ante o desconhecido. Podemos pensar que essa é uma forma de política. Não organizada, não instituída, mas ainda assim uma forma de representar aquilo que ainda não pode ser representado. Para preservar o simbólico, assegurado por normas jurídicas e independentemente de qualquer situação de fato, como a existência de grandes massas exigindo direitos sexuais e civis diferenciados, tende-se a conservar a tríade heterossexualidade/casamento/filiação e a reforçar os preconceitos contra os que ameaçam subverter esses valores e, portanto,

o julgamento de anormalidade. Isso está inscrito na ideologia social. Sabemos que a ideologia funciona, justamente, impedindo que a interpretação do real social se amplie, incluindo pontos de vistas e perspectivas diferentes das aceitas pela maioria dominante. Não me estenderei aqui sobre os mecanismos que sustentam a ideologia de forma geral. Existem numerosos autores importantes que trabalharam sobre essa temática geral, já que é um tema amplo e polêmico na sociologia. Mesmo assim, afirmo que a problemática da invisibilidade do lesbianismo age com características específicas e creio que uma delas é propriamente ideológica, segundo alguma dessas interpretações.

Sem querer tudo abarcar, porque o tema mereceria um estudo aprofundado, farei uma breve referência à forma como essa ideologia poderia ser compreendida, mencionando o ponto de vista de Zizek, teórico da psicanálise e da filosofia política atual: ele nos oferece algumas ideias no campo que nos ocupa. Em *Um mapa da ideologia* (ZIZEK, 1996), ele faz uma afirmação coerente com uma perspectiva psicanalítica lacaniana: a realidade não é a “própria coisa”, ela é sempre constituída e estruturada por mecanismos simbólicos, que, por sua vez, não conseguem abarcar integralmente o real. Há sempre um real não simbolizado, um real foracluído.<sup>1</sup> Esse real não simbolizado, pensa Zizek, retornaria sob a forma de aparições espectrais. “O que o espectro oculta, então, não é a realidade, mas seu ‘recalcamento primário’, o X irrepresentável em cujo ‘recalcamento’ se fundamenta a própria realidade” (ibid., p. 26).

Utilizando conceitos marxistas ampliados, Zizek considera que, em lugar da clássica “luta de classes”, poderia ser usado o conceito mais geral de *antagonismo social*, que ocuparia o lugar do real irrepresentável da ideologia. O antagonismo social é o que a realidade vem a recobrir e invisibilizar, neutralizando tanto a consciência de contradições quanto o próprio processo de invisibilidade. A constituição da realidade social implicaria a existência de um recalcado primário, este antagonismo social que seria finalmente *o real* ou o trauma em torno do qual a realidade se estrutura. Tratar-se-ia, reitero, de um real *foracluído* e não somente recalcado, que retorna em forma de aparições espectrais da fantasia ideológica, como sintoma social. Referido ao nosso tema, Zizek comenta que:

---

1 O conceito de foraclusão foi introduzido na psicanálise por J. Lacan para falar de um mecanismo psíquico que exclui um conteúdo da consciência de forma definitiva.

A ideologia obriga-nos a presumir a “humanidade” como um meio neutro dentro do qual “homem” e “mulher” são colocados como dois polos complementares; contrariando essa evidência ideológica, seria possível sustentar que “mulher” representa o aspecto da existência concreta, e “homem”, a universalidade vazia, ambígua. (Ibid., p. 30)

O paradoxo ligado a essa noção de natureza hegeliana seria, segundo Zizek (ibid.), que a existência concreta da mulher (“uma por uma”) permite o entendimento do conceito universalizado do masculino (“homem”). Esse antagonismo não pode ser representado porque forma parte do foracluído primário.

Podemos pensar, desde essa perspectiva, que a invisibilidade do amor erótico entre mulheres resulta desse real foracluído, seguindo assim tudo o que se refere à mulher como uma categoria representativa de um universal fraturado. Inversamente, a homossexualidade masculina e até a relação de um homem com outro semblante de aparência masculina pode sempre aparecer, de alguma maneira universalizada e simbolizada. Ainda que seja qualificada como indesejável, essa experiência se desenvolveria como um todo dentro da significação fálica. Uma mulher, pelo contrário, deseja outra de sua mesma “espécie”, assim põe em questão todo o núcleo do simbólico social. Em síntese, a invisibilidade das lésbicas é, desde esse ponto de vista, uma questão de ideologia, necessária para sustentar a realidade social na qual vivemos e, fundamentalmente, o ponto no qual a reversibilidade entre “homem” e “mulher”, em sua suposta complementaridade, se veria questionada. Copjec (2006), levando adiante essa tese de Zizek, argumentará que a não “relação” entre os sexos deveria levar Lacan a reescrever sua teoria da ética, questionando ou reformulando o tipo de universalidade que essa aspira.

Podemos, assim, aprofundar nossas hipóteses finais, de que haveria outra forma de homossexualidade, que reformularia o próprio entendimento do universal formado pela noção de sexualidade que remete a um modelo não fálico ou não-todo fálico. Fica mais claro porque esse antagonismo social entre homens e mulheres não se reduz à gramática de oposições entre sujeitos e objetos ou entre ativos e passivos, ou ainda entre submissos e insubmissos. Há algo que escapa a essa dicotomização e que por isso mesmo não pode ser escrito nem articulado discursivamente, pois para fazê-lo teria que participar das regras dicotômicas para inscrição social de novas demandas, para sustentar desde aí a ordem sexual que nos comanda e organiza.

## Recusa e invisibilidade

Blanche Wiesen Cook publicou, em 1979, o artigo *A denegação histórica do Lesbianismo*, no qual advoga a existência de um mecanismo cultural perverso de re-negação ou recusa (*Verleugnung*) do lesbianismo e de suas experiências sociais. Algo assim como “vejo, mas mesmo assim interpreto como se não existisse”. Isso aconteceria em relação ao fenômeno em suas várias facetas, o que permite que situações, que obviamente se referem a experiências de parcerias lésbicas, sejam ignoradas como tais e que essas mulheres, claramente vinculadas de forma erótica e afetiva, sejam vistas como solitárias e assexuadas.

Na perspectiva dos sujeitos implicados, os sentimentos de inadequação, vergonha e culpa que muitas vezes aparecem quando os desejos homoeróticos surgem fortemente na consciência, se explicam a partir do tipo de confronto causado com ideais sociais do Ocidente cristão. Os ideais reforçam os efeitos da repressão e contribuem para manter o recalcado e o foracluído. Se a experiência desejan-te do sujeito não coincide com esses ideais, surgem conflitos e sentimentos negativos.

*Eu tinha 16 anos quando cedi ao meu desejo mais natural. E o que deveria ser o momento mais puro e sensacional da minha vida veio misturado à culpa, à vergonha, sensação de que eu era a personificação do pecado, à urgente necessidade de fazer daquilo um segredo... quando nos descobrimos diferentes gays, lésbicas, transgêneros, etc., a vergonha é o sentimento que aflora mais rapidamente. Talvez por isso, uma vez superada essa fase, falemos tanto de orgulho gay, uma expressão, que para a maioria das pessoas não é muito significativa, mas que para qualquer manifestação pró-causa é fundamental.<sup>2</sup>*

Desde finais do século passado afirma-se, dentro do movimento afirmativo das sexualidades, a necessidade de promover a visibilidade das lésbicas, que permaneciam ocultas até dentro dos movimentos “gay” e feminista, ambos com reivindicações mais gerais e aparentemente mais importantes. Porém, segundo um comunicado da Anistia Internacional, o ativismo gay e lésbico tem realmente causado um aumento das reações homofóbicas no mundo, reforçando o preconceito correlativo às conquistas dos grupos e comunidades homossexuais, bissexuais, transexuais, etc. A maior visibilidade produziu respostas paradoxais, entre as quais a intensificação da invisibilidade das

2 Não citarei aqui as referências de onde foram retiradas esta e outras citações similares, já que se trata de depoimentos de pessoas que preferem não ver seus nomes citados em alguns contextos, e o respeitaremos.

lésbicas. As mulheres de grupos feministas relutaram durante muito tempo a assumir como próprias as reivindicações das lésbicas, para não serem confundidas com grupos de mulheres “mal amadas” ou “sapatonas”, adjetivos com os quais muitas vezes foram nomeadas. Ainda assim, ou por isso, grupos militantes da comunidade lésbica brasileira propuseram o dia 19 de agosto e 29 do mesmo mês como datas comemorativas, em nosso país, do dia nacional de orgulho lésbico e de visibilidade lésbica, respectivamente. Mulheres de todos os tipos, outras mulheres que “todos” pareciam conhecer, estão dispostas a tentar um novo desafio: mostrar-se. Gostaríamos de sublinhar que o que se entende nesse contexto como *visibilidade* não implica, necessariamente, uma confissão individual obrigatória, mas um fazer – ou no que Butler (2004) chama de performance – que contribua para o conhecimento social de um mundo e um estilo de vida que fica dissimulado ou distorcido na visão geral da sociedade.

Às vezes, o desprazer gerado pela ameaça do retorno das excitações parcialmente recalçadas faz com que o desejo homossexual possa ser experienciado pelo sujeito como algo alheio a si, o estrangeiro dentro de si que desperta medo e ódio, que ameaça seu narcisismo e seus ideais. O autopreconceito fornece impulso ao recalque e deve-se às exigências dos ideais estéticos e morais. Porém, muitas lésbicas feministas afirmam que sua escolha inclui uma luta contra a dominação masculina, luta política, adulta, consciente, moral e afirmam que gostam de mulheres porque esteticamente adequam-se melhor aos seus ideais de beleza, sensibilidade e delicadeza. Essa escolha é difícil de ser compreendida, por ser ideologicamente interpretada tornando-se novamente invisível.

### **Visibilidade e história**

Além disso, sabe-se que, desde a segunda metade do século XX em diante, houve, na sociedade ocidental, um aumento considerável da preocupação a respeito das violações dos direitos humanos, da qual muitas políticas públicas referidas à comunidade GLBTT são herdeiras. Paralelamente, no campo dos movimentos sociais liberacionistas, as feministas têm reivindicado sem parar um lugar de equidade para as mulheres na sociedade, já há mais de um século. Os movimentos de liberação homossexual lutam também pelo direito de optar por uma sexualidade livremente escolhida, tanto na sua identidade sexual como na escolha de um parceiro, mas, embora a sociedade pareça ter dado um passo na aceitação dessas reivindicações na área dos direitos humanos, a questão continua a ser polêmica, sem estar totalmente esclarecida.

Se a homossexualidade, em suas diferentes manifestações, não é mais criminalizada, se podemos pensá-la fora do âmbito da psicopatologia, se existe um movimento geral de considerar o preconceito como algo “politicamente incorreto”, corre-se o risco, por outra parte, de essa problemática ser banalizada e reafirmada em sua invisibilidade. Pode aparecer como uma simples questão de gostos, de diferenças pessoais, mas não é somente uma questão de gostos. Estamos vendo surgir novas categorias sociais e conceitos científicos que devem ser revistos desde outra perspectiva, que inclua, dentro do possível e do esperado, o amor entre mulheres, o desejo pelo semelhante e não pela complementaridade (imaginarmente procurada) e isso atinge a toda a sociedade.

Essas “mulheres que amam mulheres”, organizadas em grupos de militância, e na tentativa de encontrar uma palavra que as represente, não aceitam o conceito de homossexualismo por toda a carga negativa e a significação sexual que carrega, o que corrobora nossa hipótese de que há uma não relação no interior das práticas homossexuais. Revalorizar o termo lesbianismo faz menção à primeira obra poética documentada, na qual uma mulher fala ferosamente dos sentimentos que seu amor por outras mulheres lhe despertaram. Safo, assim se chamava a poetisa, viveu na ilha de Lesbos (Grécia) entre os séculos V e IV a.C. Grande parte da sua obra foi destruída em razão de obscuros preconceitos, mas o que dela se recuperou deixa sentir o gosto refinado de um tempo em que o amor entre mulheres era permitido e cantado na linguagem dos mitos e da poesia. Porém, pensamos que Safo de Lesbos não era uma lésbica. O lesbianismo surge como um tipo de subjetividade social, diferenciado e autoconsciente, na segunda metade do século XX, apesar de que, na procura da sua própria definição, as lésbicas atuais tenham procurado seus antecedentes no passado, já que houve sempre mulheres que amaram mulheres e defenderam esse tipo de amor. Nos últimos vinte ou trinta anos, vem se configurando um movimento de afirmação da “identidade lésbica” que procura estabelecer modelos sociais positivos de identificação, mas a questão é complexa, já que há teóricos na área, como a filósofa Judith Butler, que pensam que o conceito de identidade é também repressivo e desnecessário, fora de um contexto político estratégico.

A psicanálise tem revelado, sem qualquer dúvida, que esses desejos podem aparecer em qualquer tipo de estrutura psíquica. No entanto, essa disciplina carece de uma antropologia positiva que possa sedimentar uma política de identidades.

Nesse sentido, ela parece reconhecer melhor a potência disruptiva da feminilidade em relação aos universais do que a própria pertinência da inscrição da feminilidade no espaço público.

Existe atualmente, nos Estados Unidos, extensa produção dentro de uma linha denominada pelas autoras e autores (em número muito inferior) teoria lésbica. Há análises, realizadas a partir do que poderia ser considerado uma “perspectiva lésbica”, uma “cultura lésbica” e uma “ética lésbica”, que sustentam um novo sistema de valores. Há relatos de experiências em comunidades mais ou menos fechadas de mulheres (separatistas), trabalhos teóricos realizados na academia, trabalhos literários, discursos reivindicatórios e análises políticas realizados na tentativa de se construir um coletivo que faça sentido e não meramente de reivindicar um lugar num sistema social com o qual não se concorda totalmente e no qual não se é reconhecida.

### **Sexualidade feminina e teoria do reconhecimento**

Para a Psicanálise, o lesbianismo seria nada mais do que uma das formas de organização do erotismo e da sexualidade: um tipo de escolha de objeto, de identificação e de economia de gozo. Cada um desses aspectos pelos quais se pode pensar o lesbianismo implica uma concepção ligeiramente diferente do que significa reconhecimento. Não se sabe ao certo qual é o caminho de desenvolvimento psicosssexual que produz essa condição, mas provavelmente existem vários. É uma das possibilidades ligadas à sexualidade feminina.

A sexualidade feminina, nessa perspectiva, resulta de uma determinada *posição* na estrutura desejante, veiculada pela linguagem. Essa estrutura, organizada ao redor de um significante único, significante que representa a diferença entre os sexos – o falo – não é consciente nos sujeitos. Seus efeitos fundamentais estão relacionados à localização dos sujeitos em duas categorias polarizadas e opostas: homens e mulheres – masculino ou feminino. Na realidade, trata-se de duas posições na estrutura que não são complementares. O masculino encontra-se definido pelo significante fálico e, portanto, representa o lado positivo da estrutura, enquanto o feminino representa o Outro, aquilo que não significa por si mesmo, o negativo, a máscara, o véu que oculta e mostra uma ausência. Alguns teóricos identificaram negatividade com o feminino de forma geral, situando a mulher naquilo que evita representação e outras formas de confinamento categórico. Seria o que resta mais perto do real e mais longe do

simbólico. Ela “não o tem” e fica à espera de um dom, ou “o tem” somente se o recebe de alguém posicionado do lado masculino. Segundo Lacan, a escolha de objeto amoroso-sexual baseia-se na dialética do ser e do ter (ser o falo ou ter o falo), o que se articula com a posição masculina (*ter o falo*, nem que seja numa “impostura”), ou *ser o falo* (nem que seja imaginariamente, para um homem que a deseja) na posição feminina. Mas o mais importante nessa teorização é que não existe um coletivo ou categoria que reúna todas as mulheres. Percebe-se assim que ter ou ser o falo, não ter ou não ser o falo depende de como o significante fálico pode ser reconhecido em atos de desejo ou em movimentos de subjetivação. Reconhecer é, no fundo, saber usar uma teoria da troca simbólica da qual o falo seria a razão capaz de proporcionalizar diferenças.

A partir dos anos 70, Lacan retoma a questão freudiana da bissexualidade, que contraria em parte sua teoria da unicidade fálica, para falar de um bigozo. Haveria o gozo ligado ao significante – Gozo Fálico – e o Outro Gozo. O sujeito realizaria uma *inscrição* num ou noutro desses gozos. Porém, esse Outro Gozo tampouco determina uma categoria. Nesse caso, altera-se o sentido e a extensão da noção de reconhecimento. Não se trata mais de ter ou não ter, mas da relação entre constituir um conjunto fechado ou constituir um conjunto aberto, da relação entre o contínuo e o descontínuo, entre o que pode ser escrito e o que não pode ser escrito. Altera-se o protocolo de simbolização, não mais atos de desejo e protocolos de subjetivação, mas modalidades de escrita, inscrição ou ainda do reconhecimento de contradições, de “não relações”, de “não existências”.

Às vezes, mas nem sempre, uma lésbica pode se posicionar do lado masculino, achando-se na pose de um falo. Espera receber o “dom” de outra mulher, fálica enfim. Identificações cruzadas, impostura fálica autoatribuída e outras explicações similares pretendem explicar a relação amorosa entre duas mulheres, mas nem sempre conseguem. Porque nem sempre as parceiras ocupam posições diferentes dentro da organização psicosssexual. A maior parte dos psicanalistas da escola francesa analisa as relações entre mulheres lésbicas como se uma das parceiras ocupasse um dos lugares no esquema das fórmulas da sexuação, em tanto a parceira ocuparia a posição contrária. Sabemos, porém, que “não há relação sexual”, segundo afirma Lacan, justamente porque não há posições complementares. Ou seja, apesar da não relação, há uma terceira maneira de engendrar práticas de reconhecimento, baseadas no registro de laços sociais, ou seja, discursos. Se duas mulheres mantêm uma vida comum, erótica e social, há entre elas um discurso. Esse discurso contorna o real da não relação, organiza o gozo enquanto

impossibilidade ligada a relações de poder e de produção de identidades sociais. Os discursos não operam apenas por uma gramática do reconhecimento baseada no significante fálico ou na negatividade da economia libidinal, mas na lógica do pertencimento ou não pertencimento a um discurso. Nesse sentido, os discursos produzem efeitos de a-sexualização e de unidade, ao modo das diferentes montagens de fantasia.

O próprio Lacan reconhece que as mulheres não são totalmente explicadas pela sua posição em relação ao significante fálico. Nesse sentido, elas seriam “não-todas”. Elas são capazes de ocupar um lugar suplementar (e não complementar), de experimentar um “outro gozo”, um gozo diferente do gozo sexual (fálico), um gozo assustador e ameaçante porque não pode ser expresso em palavras, ou seja, não pode ser falicamente significantizado, mas ele pode ser suprimido quando se inscreve em um discurso, pelo qual o gozo é “aparelhado”.

A posição singular das lésbicas e sua inscrição no gozo pode ser qualquer uma. Não é necessário ocupar lugares opostos em relação ao significante fálico para formar um par, mas é possível. O que não significa que as lésbicas não se posicionem em relação ao significante fálico em sua vida (falamos de estruturas neuróticas ou “normais”).

Por outro lado, se o gozo é singular e parcialmente indefinível, o objeto causa do desejo (*objeto pequeno a*) é assexuado. A dinâmica da relação amorosa não é complementar, mas, mesmo assim, todo mundo habita o mundo social, no qual impera o significante fálico. Há casais lésbicos nos quais a participação em um discurso articula decisivamente o laço amoroso.

Se utilizarmos o conceito do *não-todo*<sup>3</sup> lacaniano para analisar a questão lésbica, reconhecemos que as mulheres, como diz Lacan, são não-todas fáticas. Se pensarmos num casal de lésbicas como o encontro entre duas mulheres, deixando de lado o caso específico em que uma delas ocupa uma posição fálico-masculina pode-se dizer que haveria, no seu desejo recíproco, dois não-todos em jogo. Nesse caso, a dimensão do reconhecimento inverter-se-ia para o polo negativo. Teríamos um tipo de laço baseado na impossibilidade de reconhecimento. Como poderíamos analisar essas variações da invisibilidade a partir da Psicanálise?<sup>4</sup>

---

3 Em francês: *Pastout*.

4 É importante não esquecer que, desde a perspectiva lacaniana da qual falamos, homens e mulheres não são denominações que denotam características anatômicas, mas posições subjetivas, pelo que a situação que apresentamos geralmente acontece em mulheres – biologicamente falando –, mas também poderia se referir a homens posicionados no lugar do feminino.

## Posição, gênero e inscrição

Devemos lembrar que, mesmo que muito se tenha pensado e trabalhado a herança lacaniana, há ainda muito por descobrir na obra de Lacan e que, com relação a esse tema, há necessidade de continuar a pesquisar sem renegar de suas propostas fundamentais. E há psicanalistas em todos os rumos tentando desvendar essas questões.

Dunker,<sup>5</sup> no prefácio do livro de Ana Laura Prates sobre Feminilidade (PRATES, 2001), assinala que a autora sublinha a diferença entre uma posição feminina (dependente da norma fálica), a questão de gênero (social) e a inscrição feminina (que dependeria das formas de gozo).

No plano clínico, certas consequências da consideração da inscrição feminina no quadro da lógica do não-todo, vêm sendo objeto de extensas polêmicas [...]. De fato, a chamada clínica do Real, muitas vezes posta em antinomia com a clínica do significante, parece indicar uma retomada da negatividade, fora do âmbito circunscrito da falta. O feminino e todas as figuras de negativização que o envolvem constituem assim um modelo principal para uma espécie de revisão clínica que assistimos recentemente na tradição inaugurada por Lacan. (Ibid., p. 12)

Em seu livro sobre o não-todo de Lacan, Guy Le Gaufey (2006/2007) estuda as origens lógicas dessa temática, partindo da ideia de que, ao utilizá-la, Lacan se coloca contra Aristóteles e também contra Kant. Segundo Le Gaufey, Lacan retoma uma antiga polêmica filosófica referida às proposições da lógica clássica, que podem ser interpretadas, basicamente, de duas formas diferentes. A proposição particular afirmativa poderia ser entendida como indica Aristóteles, como indexador de existência ou de forma diferente, como os estoicos, que foram marginalizados nas interpretações posteriores. Um desses sentidos foi nomeado máximo e o outro mínimo. Esses dois sentidos se apoiam em relações diferenciais da proposição particular com a universal. Quando se afirma que “alguns A pertencem a B”, abrem-se duas possibilidades:

(a) ou *todos os A pertencem a B* (sentido mínimo), em cujo caso é verdadeiro que o façam alguns (que é posição aristotélica);

---

5 Christian Dunker está dedicado há alguns anos a repensar e ensinar o estudo da psicopatologia psicanalítica a partir da inclusão do conceito de não-todo, o que ele denomina: “uma psicopatologia não-toda”.

(b) ou *não-todos* os *A* pertencem a *B* (sentido máximo) e nesse caso só alguns pertencem em tanto os demais não pertencem, descartando assim a verdade da universal afirmativa.

Aristóteles desconsiderou esse sentido máximo para resolver alguns problemas teóricos, mas Lacan o retoma. Surge assim a expressão *não-todo* na teoria psicanalítica. Lacan valoriza a possibilidade de que a proposição universal negativa seja esvaziada de todo elemento (“não há um que não diga que sim”). Le Gaufey (ibid.) afirma que Lacan teve que se voltar para aquelas categorias para dar conta de um objeto parcial (o “*a*”), que ficou estabelecido por ele durante o seminário da Angústia. Um objeto que não tem nenhuma universalidade e que não se relaciona com a unidade, sem totalidade possível. O que se vê questionada aqui é a relação de inclusão, na qual se desenvolve e decorre a relação gênero-espécie. Tal relação é importante para pensar a política das identidades baseadas justamente em gêneros.

Ao teorizar a existência de um gozo Outro, Lacan esclarece que este não é um tipo de gozo que poderia caracterizar um coletivo ou unidade (as mulheres). Partindo dessa concepção, Le Gaufey (ibid.) afirma que esse outro gozo se inscreve num tipo de argumentação próprio das teologias negativas. Somente se pode invocá-lo para negá-lo, já que sua referência está ausente. Lacan não procura um traço pertinente, algo positivo que diferencie homem e mulher. A mulher não faz universal, não faz Um. Por isso, para ele “A Mulher não existe”. Mas a não existência é por sua vez uma decorrência importante da gramática de negações do universal. Podemos dizer que, neste caso, a *não existência* é, paradoxalmente, uma posição. É só por ser uma posição que a não existência pode ser reconhecida.

O interessante da questão é que ainda não há solução fácil para definir a diferença entre os sexos. Tratar-se-ia de duas entidades discretamente diferenciadas ou é essa uma diferença relativa que permite que cada ser humano se localize num contínuo que vai de mais ou menos homem a mais ou menos mulher? Assim o expressa Le Gaufey:

Apenas [Lacan] procura ordenar os dois sexos, quando o vemos apelar ao arsenal lógico tradicional das proposições universais afirmativas e negativas até chegar a suas fórmulas da sexuação e ao aforismo não há relação sexual, a mulher não existe, a mulher é não-toda (...) ao querer descrever os sexos em sua diferença, continua-se estando preso nas redes de uma

concepção discreta onde estão separados e formam duas essências, e de uma concepção discreta onde se passa sem rupturas de um ao outro e onde nunca há mais que o existente, o relativo (coerções formais que seguem ativas em Freud e Lacan). (Ibid., p.8 – tradução nossa)<sup>6</sup>

Guy Le Gaufey esclarece que a onda feminista e a demanda de igualdade social dos sexos não nos liberaram de pensar a questão da diferença sexual dentro do gênero humano e da posição de seus gozos particulares. Não há forma de pensar essa questão sem que se apresente o paradoxo de que a dualidade homem/mulher é tanto discreta “se é um ou o outro”, como contínua: “o feminino e o masculino são características que se distribuem e se interpenetram de forma contínua” (ibid., p. 33).

Freud, um século atrás, tinha deixado claro que não existe nada, fisicamente determinado, que explique as escolhas amorosas dos seres humanos e sua identidade sexual. O enfrentamento entre as teorias biologicistas e as psicológicas continua até o dia de hoje, tentando decidir se a sexualidade feminina é o resultado de seu sexo biológico ou da forma como se organiza sua subjetividade desejante seguindo mandatos sociais. Para qualquer uma dessas linhas de interpretação, o “ser mulher” das mulheres implica a escolha de um parceiro masculino. Na psicanálise lacaniana, como vimos, as propostas são da ordem da lógica. Esse modo de entender as identidades sexuadas permite superar as explicações organicistas que tantos erros promoveram, mas ele volta a ser um empecilho ao conhecimento se for considerado como uma explicação a-histórica (portanto totalizante) e se não incluir uma preocupação com as realidades sociais e políticas implicadas nesse delicado terreno, que precisa dar conta do singular e do novo. Ora, no fundo dessa oposição remanesce o que pode ser inscrito ou escrito quanto às modalidades de satisfação libidinal no laço social concreto que organiza nossos dispositivos sociais.

Dentro de nossa forma de entender a questão, estamos postulando que existe uma sexualidade parcialmente independente do Falo (Lacan e a Sexualidade Feminina), uma sexualidade não-toda fálica, mas que, à diferença do que pensa Lacan, ultrapassaria o tipo de gozo no qual está inscrita. Como? Será que dois não-todos podem fazer

---

6 *Apenas procura ordenar los dos sexos cuando lo vemos apelar al arsenal lógico tradicional de las proposiciones universales afirmativas y negativas hasta llegar a sus fórmulas de la sexuación y al aforismo no hay relación sexual, la mujer no existe, la mujer es no-toda (...) al querer describir los sexos en su diferencia, se sigue estando preso en las redes de una concepción discreta donde están separados y forman dos esencias, y una concepción continua donde se pasa sin rupturas de uno al otro y donde nunca hay más que lo existente, lo relativo (coerciones formales que siguen activas en Freud y Lacan).*

UM?<sup>7</sup> Podemos construir um universal a partir do desejo do mesmo (homo-sexual?) desde que se considere a diferença entre posição na sexualização, inscrição de gozo pelos discursos e gênero fálico.

### **Semblante e semelhante**

É fora da psicanálise que podemos encontrar alguns autores cuja argumentação favorece o desenvolvimento dessa proposta. Elisabeth Ladenson, uma crítica literária simpatizante dos *Queer Studies*, publicou nos Estados Unidos, em 1999, um texto de grande interesse, que analisa a questão das sexualidades a partir da obra de um conhecido escritor. O livro se chama *Proust's Lesbianism* (LADENSON, 2004). No prefácio, Antoine Compagnon apresenta o livro como uma obra sobre Proust, que pode questionar outros estudiosos da mesma obra pelas suas propostas sobre a forma em que esse autor apresenta a homossexualidade feminina e masculina. Muitos autores se dedicaram a analisar a forma em que ele tratou da inversão e da homossexualidade masculina, entendendo que os personagens femininos, como Albertine e suas amigas, representariam a homossexualidade do autor, que não se atreveria a falar disso de forma mais direta, mas por meio de uma aparência deslocada, um semblante.

Pelo contrário, Ladenson (ibid.) sublinha a importância de Proust ter se dedicado com tanto interesse à questão lésbica e pensa que esse interesse tem um motivo e uma explicação importantes, que desenvolve no livro que acabamos de citar. Isso não responderia a motivos pessoais, mas teóricos. No percurso de sua obra, ele teria desenvolvido a ideia de outro tipo de encontro amoroso, diferente do heterossexual e do homossexual masculino, que seria para Proust a *inversão*. No prefácio à última edição francesa de *Sodoma e Gomorra*, Compagnon afirma que Proust partiu da ideia da separação absoluta que haveria entre os sexos considerados como gêneros. Ultrapassando a inversão das aparências, haveria esta outra forma de desejo pelo semelhante, que se personifica em personagens como Albertine e Morel. Segundo essa interpretação, há uma forma de desejo entre mulheres e homens, sendo ambos apresentados como figuras andróginas, ambíguas ou efigies da indeterminação aparential dos gêneros.

Em *Proust's Lesbianism*, Landeson analisa o capítulo da obra proustiana tratado no volume IV da gigantesca obra *Em busca do tempo perdido*, chamado *Sodoma e Gomorra*

---

7 Agradeço essa formulação à psicanalista Sara Hassan, que está aprofundando a leitura desse livro.

(PROUST, 2008), representando com essas duas cidades a cidade dos homens (invertidos, segundo Proust) e a cidade das mulheres (lésbicas), com Albertine como figura principal. À diferença de Sodoma e do resto do mundo das normas, a cidade das mulheres não apresentaria paradoxos ou mal-entendidos. Não há dúvida de que Proust inventou Gomorra a partir do comentário de outro escritor, Vigny,<sup>8</sup> que não se havia generalizado fora do círculo dos iniciados. A tradição que liga Gomorra ao lesbianismo seria assim, bastante recente.

A tradição havia explicado que as lésbicas da obra *Em busca do tempo perdido* não seriam mais do que homens disfarçados, mas Ladenson, diz Compagnon, decidiu ler “as juvenzinhas em flor”, de Proust, como se fossem realmente juvenzinhas em flor. Ladenson explica que o lesbianismo é central na obra de Proust porque, pouco a pouco, se impôs para esse autor como um modelo erótico e estético, porque ele “encarna a única e verdadeira homossexualidade” (LADESON, 2004, p. 10). Ladenson afirma que não há, nessa visão, simetria entre as cidades bíblicas, mas que elas têm nexos discursivos entre si. Para Proust, um invertido não deseja seu semelhante, porque, sendo ele secretamente feminino, desejaria seu outro. Assim, um homossexual (masculino) se enganaria pensando que deseja seu igual, mas ele está equivocado: eles (os invertidos, na linguagem proustiana, que não desvia muito da freudiana) procuram um *homem-homem*, mas encontram um *homem-mulher*. Nessa perspectiva, as lésbicas, pelo contrário, são as únicas que se articulam ao fantasma do mesmo e não do outro. As lésbicas, então, não seriam invertidas, ou melhor, não se definem pela gramática de inversões (falo/não-falo). Trata-se de mulheres que amam e desejam outras mulheres. Gomorra, conclui Ladenson, não apresenta nenhum homem escondido no coração de uma mulher e por isso, e justamente por isso, é que continua a ser um grande enigma.

A autora exemplifica a dissimetria entre os personagens femininos e masculinos com relação ao *voyerismo e exibicionismo*, características que Proust endossa a ambas as categorias, mas de forma diferenciada: a homossexualidade masculina se dissimula, mas, ainda assim, oferece-se como espetáculo, em tanto que Gomorra se exhibe,

---

8 Alfred de Vigny. Há uma citação desse autor na apresentação da primeira parte do livro de Proust, que diz: “A mulher terá a Gomorra e o homem terá a Sodoma” (PROUST, 2008). O editor comenta que “esta é uma síntese de um dos temas principais do livro de Proust (não apenas o homoeroticismo, mas o desencontro entre os sexos). A epígrafe foi extraída do poema ‘A cólera de Sansão’”, ele afirma, do livro *As destinadas*, de Vigny (pp. 12-13). Compagnon, prefaciador da última edição francesa, pensa que este “desencontro entre os sexos” estaria superado depois da aparição dos personagens Albertine e Morel, que fazem novamente uma ponte entre os dois grupos, sendo Albertine uma mulher e Morel um homem, ambos com características de gênero ambíguas.

“mas não mostra nada. Sua transparência faz obstáculo à percepção, como a célebre carta roubada de Edgard Allan Poe” (ibid, p. 12). O lesbianismo *hiperboliza*, segundo Ladenson, o enigma que representa para um homem o desejo de uma mulher, a *palpitação do prazer feminino*. Ele representaria “a única versão de uma sexualidade capaz de guardar (proteger) o controle de sua própria representação” (ibid, p. 23). Mais ainda, segundo a autora, é possível que seja pura representação, que o enigma definitivo esteja no fato de que Gomorra é uma pura representação. O segredo mais escondido se explicaria pelo fato de que não há segredo, o que o faz mais impenetrável. Nessa linha de interpretação, diz, entenderíamos por que o leitor e o narrador de Sodoma e Gomorra nunca chegam a saber com certeza se Albertine realmente amava as mulheres.

Ladenson baseia suas considerações na ideia de que o tema do lesbianismo, na obra de Proust, vai evoluindo. Em livros anteriores, pareceria realmente falar de lésbicas no lugar de falar de homossexualidade masculina, diz, mas esse tema vai ficando cada vez mais complexo e sutil, o que, para Ladenson, prova que a economia sexual da *Busca do tempo Perdido* não está fundada sobre um modelo fálico.

Gomorra – lembra-nos o prefaciador – torna-se a medida da verdade do desejo; a homossexualidade feminina – *inclinação erótica para o mesmo e não inversão* – expõe o *modelo único do desejo recíproco* neste romance. Até na dessexualização (sublimação) e no amor Gomorra “superaria” Sodoma, num episódio em que se transforma a depravação em algo sublime. Ladenson afirma que Proust teria uma teoria para explicar esse tipo de erotismo a partir de uma suposta ligação intensa e erótica entre mãe e filha “sem imposição fálica” (ibid., p. 14), esta seguiria o modelo da relação da mãe com sua própria mãe, ou seja, com a avó. Esse detalhe aparece em *Sodoma e Gomorra*, mas os críticos acreditam também que era uma referência à avó do autor, que exerceu a função de interdição em sua vida.

Existe, então, um modelo de desejo recíproco não fálico? Uma prática de reconhecimento baseada na identidade negativa de seu agente? Para a psicanálise, essa questão ainda não tinha sido colocada dessa forma. Não está definido nos termos e conceitos dessa teoria o que poderia ser considerado um desejo recíproco. Contudo, há elementos que nos parecem valiosos para desenvolver novas ideias, que possam dar conta dessas novas realidades psicosssexuais que estão ficando cada vez mais visíveis na sociedade. Mas visíveis inclui aqui a questão de possuir menos carga de preconceitos

que obstaculizem uma observação mais ou menos neutra do fenômeno. Proust pensa que esse desejo é possível, diz Ladenson, e que se encontra na relação entre as lésbicas e no modo como elas transformam a visibilidade em um discurso sem palavras.

Alguns autores indicaram também que há, na relação do escritor com a mãe, um modelo em que o objeto de desejo é, ao mesmo tempo, o objeto de identificação, um modelo que cabe muito bem na consideração da relação entre mulheres.<sup>9</sup> Para Ladenson (2004), há um triângulo não edipiano. Essa seria uma relação narcisista, na qual cada uma deseja aquilo que se lhe parece e elas se parecem entre si. Ao contrário do que se pode pensar, essa característica não nos indica um traço narcisista reforçado patologicamente. Lembra-nos Allouch (2002/2004) que o narcisismo pode ser visto de forma valorizada, com Lacan, que o considera não somente em sua relação ao amor, mas como uma forma de manifestação do ser. Essa problemática do ser, em Lacan e na psicanálise francesa, é também bastante complexa, mas vou reter a ideia de que Lacan trata do ser em muitos momentos em que a representação fálica encontra um limite. Essa ideia está muito bem desenvolvida num livro de Balmès (1999/2002), no qual ele percorre o caminho lacaniano relacionado a Heidegger, à ontologia e à linguagem. Em síntese, ele diz que a noção de *ser* serve a Lacan para delimitar aspectos da experiência que excedem a terminologia psicanalítica: o amor, a interpretação, o final de análise, o fala-ser.

Para Lacan o amor é narcisista, mas sem o sentido moralmente condenatório que habitualmente se utiliza. Esse amor seria uma das formas possíveis pelas quais o sujeito se ocupa de seu ser, à maneira de Foucault quando fala do “cuidado de si”.<sup>10</sup> Tratar-se-ia de um registro ao mesmo tempo identitário, negativo e ontológico, diferente do amor sexual que é nossa referência atual identitária, positiva e ôntica. Jean Allouch tem trabalhado esse tema em seus últimos seminários, por ele denominados *L'amour Lacan*,<sup>11</sup> com resultados semelhantes aos que Ladenson aponta. Ressalte-se que nos últimos anos houve uma espécie de epidemia de visibilidade lésbica nos comentários de críticos e autores. Como no livro *Les Chanson de Bilitis*,<sup>12</sup> escrito totalmente por um homem e que é, segundo Ladenson (2004), “quase pornográfico”. Ela pensa que a

9 Pensamos aqui na insistência com que os depoimentos das mulheres que se amam apontam um objeto de identificação e um objeto de amor, sobrepostos.

10 Para elucidação desse conceito pode-se ver, entre outros trabalhos do autor: Foucault (2006).

11 Há diversas publicações do autor sobre temas relacionados.

12 Esse livro pretendeu ser um conjunto de textos escritos por lésbicas, mas foi comprovado que o autor era um homem exprimindo através dos poemas seu ponto de vista (negativo) sobre as lésbicas.

*famosa questão sobre a invisibilidade lésbica* estaria ligada às representações mais tradicionais e bem mais visíveis, representações de mulheres que seriam uma forma de pornografia. Proust seria um dos poucos homens que consegue fazer dessa imagem uma representação-modelo, próxima do que Lacan chama de semblante. Ele o fez seguindo as raízes de outros escritores de sua época, como Gautier, Baudelaire e Balzac, mas por esse motivo suas ideias a respeito foram muitas vezes desconsideradas. Se Proust usa alguma vez o qualificativo de invertidas, é por causa da linguagem da época, mas ele sabia diferenciá-las muito bem, diz Ladenson (2004). Proust vê as mulheres como dotadas de uma plenitude autossuficiente, não como resultado de uma falta, como pensa a psicanálise freudiana. Por isso ela diz que não há aqui (na sua obra) um modelo fálico, ao contrário do que acontece na “inversão” masculina. Ladenson (ibid.) propõe que a relação entre duas mulheres representa no mundo social uma sorte de feminilidade multiplicada, uma duplicação do enigma feminino, que muitas vezes, para ser compreendido, se transforma em outra coisa, às vezes em masculinidade. Proust não utiliza o modelo de relação lésbica *butch-femme* (“sapatão e sandalhinha”),<sup>13</sup> justamente porque quis apresentar em sua *Gomorra* algo essencialmente diferente de Sodoma. Tão diferente que as lésbicas e sua sexualidade representam o que não dá para imaginar, nem pode ser representado, simbolizado ou visualizado. O prazer entre mulheres seria inconcebível para o homem e diferente do que as mulheres experimentam com os homens.

### **Proust e Freud: um novo modelo**

Proust e Freud coincidem em reconhecer que há uma grande diferença entre homens e mulheres com relação ao seu desejo sexual. Freud começou acreditando que os processos de sexualização e desenvolvimento sexual seriam similares para o homem tanto quanto para a mulher. Pouco a pouco, foi marcando as diferenças: as meninas não apresentam uma divisão entre o pai odiado e o amado, como os meninos. Para elas, seu primeiro objeto de amor e de desejo é também a mãe, porém, à diferença dos meninos, esse é um amor homossexual, pelo que, de acordo à sociedade em que vivemos, as mulheres deverão se adaptar a uma mudança (da mãe para o pai) que as conduza à heterossexualidade. Essa mudança ocorre quando se introduz o significante

---

13 Esse seria um modelo heterossexual (de dois sexos) aplicado à análise da sexualidade lésbica.

fálico (conceito de *inveja do pênis*, em Freud) que a faz desejar outra coisa que não o mesmo. Algo que ela não tem e só terá ao se dirigir ao pai (posteriormente a um outro homem) e esperar dele seu dom (um filho no lugar do pênis faltante); desta forma *tornar-se-ia mulher*. Freud entende o desejo da menina por sua mãe de uma forma fálica e ativa. Não haveria desejo do mesmo, da mesmidade, como afirma o escritor.

Em Proust, as lésbicas teriam outro sistema de signos, regras incompreensíveis. Não há simetria possível para o autor, o que mostra a importância do lesbianismo em seus escritos. Estes mostrariam a “verdadeira homossexualidade”, que seria uma sexualidade baseada na estética da “mesmidade”, a qual pode ser vista ao longo da obra. Dessa maneira, podemos interpretar o tema da invisibilidade não apenas como uma negação ocultativa, mas como uma excessiva apresentação da semelhança. E a semelhança nem sempre é percebida.

Proust, assim como Freud, pergunta-se o que quer uma mulher. Ele continua a se perguntar o que uma mulher pode representar para outra mulher, sem encontrar jamais resposta para esse enigma. Em sua obra, elas se satisfazem de uma forma e por vias desconhecidas. Gomorra é impenetrável e autossuficiente. Esse autor vê nas mulheres a verdadeira homossexualidade. Um desejo narcisista concebido de forma positiva, muito diferente do ódio de si, que definiria Sodoma. Um desejo que exclui o narrador, aumentando, assim, seu interesse pelo enigma, que se apresenta no romance nas cenas de *voyerismo* repetidas. Concluindo, a sexualidade de Sodoma é um *espetáculo no placar* (Eve Sedwick), *um segredo manifesto, a de Albertine* (Gomorra) *resiste a toda visualização* (LADENSON, 2004, p. 78). As mulheres não desejam o outro, desejam a “mesmidade”. Por isso Gomorra é um enigma, um segredo impenetrável. Como já expusemos, Landenson levanta a hipótese de que o modelo de sexualidade aqui não é o fálico e representa “o impossível fantasma do desejo recíproco” (ibid., p. 13). Ladenson afirma que a obra proustiana postula a existência de *uma economia sexual não fálica*. Essa afirmação corresponderia a certas teorias de gênero desenvolvidas por grupos militantes de feministas lésbicas, que acreditam dessa maneira ter questionando o modelo psicanalítico.

Pelo contrário, dentro da mais atualizada das teorias lacanianas sobre a sexualidade feminina e as *fórmulas da sexuação*, o uso da lógica do não-todo, aplicado à análise da sexualidade entre as lésbicas, oferece-nos caminhos teóricos ainda não totalmente percorridos. Poderíamos afirmar que aqui se faz presente uma economia sexual “não-toda” fálica.

A versão proustiana – interpretada por Ladenson – do lesbianismo é moderna e enriquecedora, oferecendo ao estudioso uma alternativa, tanto ao campo da psicopatologia quanto ao da sexologia. Gomorra possui sua própria língua incompreensível de prazer, diferente de qualquer coisa que se possa conhecer. O desejo feminino é descrito também como uma emanção luminosa para marcar a centralidade da visão. Sensualidade muda e imediata, num mundo especular que o narrador não compreende. Ele deve se contentar com *o reflexo do reflexo* nos olhos que se olham com prazer.

A explicação freudiana, assim como em grande parte a lacaniana, tem em seu centro a noção de falta e a noção de não-todo, o que permite que se interprete esse tipo de erotismo atribuindo-se às lésbicas traços de histeria ou de perversão. Proust se separa das explicações mais frequentes da psicanálise num ponto decisivo: ele nos oferece o espetáculo de um narcisismo concebido de forma visualmente positiva e ontologicamente negativa.<sup>14</sup> Porém, Ladenson afirma que a tradição cultural na qual se baseia a teoria lacaniana não contém qualquer termo que possa constituir um modelo de sexualidade como o de Gomorra, que se separe radicalmente de uma economia fálica (2004).

Nossa proposta, pelo contrário, não é abandonar a teoria psicanalítica, nem questionar a validade do modelo Édipo-Castração. Não há como fugir da significação fálica, mas esta não dá conta de tudo, e Lacan o tinha antecipado. As lésbicas, com suas vidas, apontam para outras pistas.

## Referências

- ALLOUCH, Jean (2002). *La Sombra de tu perro discurso psicoanalítico – Discurso lesbiano*. Buenos Aires, El Cuenco de Plata, 2004.
- BALMÈS, François (1999). *Lo que Lacan dice del ser*. Buenos Aires, Amorrortu, 2002.
- BUTLER, Judith (2004). *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro, Record.
- COPJEC, Joan (2006). *Imaginemos que la Mujer no Existe*. México, Siglo XXI.
- FOUCAULT, M. (2006). *A hermenêutica do Sujeito*. São Paulo, Martins Fontes.
- LADENSON, Elizabeth (2004). *Proust Lesbien*. Paris, EPEL.
- LE GAUFEY, Guy (2006). *El no todo de Lacan - Consistencia lógica, consecuencias clínicas*. Buenos Aires, El cuenco de Plata, 2007.
- PRATES, Ana Laura (2001). *Feminilidade e experiência psicanalítica*. São Paulo, Hacker.

14 Não esqueçamos que existem duas visões do lesbianismo neste autor, a primeira (a mais antiga) é a mais vulgar e previsível: o lesbianismo seria imoral, aberrante. De acordo à segunda, gomorreana, essa relação é poderosa, desbordante e não autoriza definições simples.

- PROUST, Marcel (2008). *Sodoma e Gomorra – Em busca do tempo perdido*. v. 4. Tradução de Mario Quintana. São Paulo, Globo.
- WIESEN COOK, Blanche (1979). The historical denial of lesbianism. *Radical History Review* 20. Spring/ Summer.
- ZIZEK, Slavoj (org.) (1996). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro, Contraponto.

*Recebido em 3/9/2010; Aprovado em 12/11/2010.*